

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# O CORPO COMO INTERFACE DISCURSIVA ENTRE A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: GINGAS INTERCULTURAIS POSSÍVEIS

Taryn Sofia Abreu dos Santos, Danilo Seithi Kato

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5699>

Submetido em: 2023-03-12

Postado em: 2023-03-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## O CORPO COMO INTERFACE DISCURSIVA ENTRE A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: GINGAS INTERCULTURAIS POSSÍVEIS

Taryn Sofia Abreu dos Santos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-8053-8625>  
taryn.mestrado@gmail.com

Danilo Seithi Kato<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3065-6812>  
danilo.kato@uftm.edu.br

<sup>1</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Minas Gerais - Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Minas Gerais - Brasil.

**RESUMO:** O presente artigo teve como objetivo construir gingas interculturais entre o saber tradicional de matriz afro-brasileira e a Educação em Ciências considerando os processos educativos que se expressam a partir do corpo. A ginga é uma representação corpórea que expressa negociação na capoeira. Desse modo, as gingas interculturais constituem-se em diálogos assentados nos marcos teóricos da interculturalidade crítica. Foram delineadas por meio de uma pesquisa realizada em nível de mestrado<sup>1</sup>, numa comunidade remanescente de ancestralidade africana que recebe a intervenção do Sala Verde, uma ação extensionista da Universidade Federal da Bahia no âmbito da Educação em Ciências. O território que vive o processo de certificação quilombola é São Francisco do Paraguaçu (Bahia) e desde 2014 é afetado por tal proposta ancorada nos pressupostos Ciência, Tecnologia e Sociedade. Os dados empíricos foram construídos mediante entrevistas semiestruturadas com mestres de capoeira da região, a partir de suas marcas discursivas remetentes aos saberes tradicionais afro-brasileiros e pela literatura científica. Lentes que possibilitaram o acompanhamento das mediações pedagógicas realizadas pelo Sala Verde com os moradores locais, no decurso de uma imersão etnográfica amparada em Restrepo (2018). A interface desta relação foi concebida sob o viés do corpo como discurso sócio-histórico nas concepções de Bakhtin (2006), resultando nas gingas interculturais de dissenso que negam a diferença étnico-racial, marcando-a numa base de hierarquização e gingas de consenso que tratam a diferença cultural com reciprocidade.

**Palavras-chave:** Interculturalidade, Capoeira, Educação em Ciências, Decolonialidade

### THE BODY AS A DISCURSIVE INTERFACE BETWEEN CAPOEIRA AND SCIENCE EDUCATION: POSSIBLE INTERCULTURAL GINGAS

**ABSTRACT:** The purpose of this paper was to build intercultural gingas between traditional Afro-Brazilian knowledge and science education, taking into consideration the educational processes that are expressed through the body. Ginga is a bodily representation that expresses negotiation in capoeira. In this way, intercultural gingas constitute dialogues based on the theoretical frameworks of critical interculturalism. They were outlined by means of research carried out at the Master's level, in a community with remaining African ancestry that receives the intervention of the Green Room, an

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa de mestrado foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, defendida em fevereiro de 2020, CAAE:07505519.8.00005154.

extension action of the Federal University of Bahia within the scope of Science Education. The territory experiencing the quilombola certification process is São Francisco do Paraguaçu (Bahia) and since 2014 has been affected by this proposal anchored in the assumptions of Science, Technology and Society. Empirical data were collected through semi-structured interviews with capoeira masters in the region, based on their discursive references to traditional Afro-Brazilian knowledge, and on scientific literature. These lenses made it possible to monitor the pedagogical mediations performed by the Green Room with local residents, in the course of an ethnographic immersion supported by Restrepo (2018). The interface of this relationship was conceived from the perspective of the body as a socio-historical discourse in Bakhtin's (2006) conceptions, resulting in intercultural ginges of dissensus that deny racial-ethnic difference, marking it on a hierarchical basis, and ginges of consensus that treat cultural difference with reciprocity.

**Keywords:** Interculturalism, Capoeira, Science Education, Decoloniality

## EL CUERPO COMO INTERFAZ DISCURSIVA ENTRE LA CAPOEIRA Y LA ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS: POSIBLES GINGES INTERCULTURALES

**RESUMEN:** El propósito de este artículo fue construir gingas interculturales entre el conocimiento tradicional de origen afrobrasileño y la enseñanza de las ciencias, teniendo en cuenta los procesos educativos que se expresan a través del cuerpo. La ginga es una representación corporal que expresa la negociación en la capoeira. De esta forma, las gingas interculturales constituyen diálogos basados en los marcos teóricos del interculturalismo crítico. Fueron delineadas por medio de una investigación realizada a nivel de maestría en una comunidad remanente de ascendencia africana que recibe intervención del Aula Verde, una acción de extensión de la Universidad Federal de Bahía en el ámbito de la Educación en Ciencias. El territorio que vive el proceso de certificación quilombola es São Francisco do Paraguaçu (Bahía) y desde 2014 se ve afectado por tal propuesta anclada en los supuestos Ciencia, Tecnología y Sociedad. Los datos empíricos se construyeron a través de entrevistas semiestructuradas con maestros de capoeira de la región, a partir de sus referencias discursivas al conocimiento tradicional afrobrasileño y a la literatura científica. Estas lentes nos permitieron monitorear las mediaciones pedagógicas realizadas por la Sala Verde con los residentes locales, en el curso de una inmersión etnográfica apoyada por Restrepo (2018). La interfaz de esta relación fue concebida desde la perspectiva del cuerpo como discurso socio-histórico en las concepciones de Bajtin (2006), resultando en bisagras interculturales de disenso que niegan la diferencia étnico-racial, marcándola sobre una base jerárquica y bisagras de consenso que tratan la diferencia cultural con reciprocidad.

**Palabras clave:** Interculturalidad, Capoeira, Enseñanza de las Ciencias, Decolonialidad

## INTRODUÇÃO

O artigo em tela decorre de investigação realizada em nível de mestrado cujo resultado culminou na construção de gingas interculturais que constituem-se em diálogos interculturais consensuais e de dissensos entre diferentes instâncias do conhecimento (Educação em Ciências e o saber tradicional afro-brasileiro), delineadas a partir de processos educativos experienciados numa comunidade remanescente de ancestralidade africana, permeada por contradições identitárias, que recebe a

intervenção de uma ação extensionista da Universidade Federal da Bahia no âmbito da Educação em Ciências.

O território que vive o processo de autodenominação e certificação quilombola é São Francisco do Paraguaçu – Bahia (SFP) e desde 2014 é afetado pelo projeto Sala Verde (SV), ação de extensão ancorada nos pressupostos do paradigma Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), com forte histórico de atuação na disseminação da cultura científica, priorizando o ensino de ciências, a formação de professores e a divulgação científica no meio rural e urbano de Salvador numa dimensão mais cidadã.

A proposta denominada Sala Verde<sup>2</sup>, está inserida no “Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica na Bahia” e sua missão é explicitada em seu site<sup>3</sup> da seguinte maneira:

disponibilizar informações e apoiar a vocação científica para as Ciências Ambientais de crianças e adolescentes da educação básica, carentes do Município de Salvador, Bahia e elaborar programas destinados à apropriação dos conhecimentos científicos nas escolas e a aplicação de tecnologias adaptadas ao meio rural e urbano, promovendo na comunidade uma visão sistêmica quanto à importância na formação de cidadãos alfabetizados cientificamente.

O enfoque primário do projeto é a cultura científica, e a proposta está vinculada ao Instituto de Biologia, mais especificamente ao Departamento de Zoologia da UFBA. O projeto apresenta uma trajetória de intervenções no território de SFP especificamente, que data desde 2014, com um lastro importante de produções científicas e de tecnologias educacionais.

Na ocasião, cunhou-se a metáfora “ginga intercultural”, tendo em vista o movimento de negociação implícito na dimensão corpórea expressa na capoeira, manifestação cultural que excede o esporte e configura-se numa lógica diferenciada (ABIB, 2004) e visão organizadora de mundo, encontrando-se diluída nos territórios com ancestralidade africana.

A capoeira é identificada a partir do seu universo simbólico pelos elementos que lhe são subjacentes como: a oralidade, a ancestralidade, a memória, a musicalidade e a ritualística com legítima representatividade do saber de matriz tradicional afro-brasileiro em SFP.

A adjetivação “intercultural” da ginga, emergiu do referencial da pesquisa, assentado nos marcos teóricos da interculturalidade crítica (WALSH, 2009) e na adesão à perspectiva decolonial embasada em GONZALEZ (1984), MIGNOLO (2003), QUIJANO (2005), para o estabelecimento de um diálogo, questionador do construto de poder hegemônico historicamente concebido em torno da diferença cultural (dimensão étnico-racial), entre as tradições locais da comunidade na interface com o projeto acadêmico SV.

Nesse sentido, a “ginga intercultural” é proposta como uma ferramenta de análise epistemológica, ontológica e pedagógica, forjada a partir da capoeira, da corporeidade que lhe é implícita e da sua essência de contestação.

Ao historicizar a capoeira, Abib (2004) explica que a rebeldia da manifestação reside também na insurgência da ordem do dizer, na “inversão da lógica das coisas” pois ao ficar de pernas pro ar, o capoeirista subverte a visão de mundo, exprimindo desse modo, o sentido maior da dialética humana.

---

<sup>2</sup> As ações do SV na comunidade resultaram na produção de um acervo de publicações e de artefatos que foram organizados por temas de estudo e categorias, disponibilizados numa plataforma digital: “SALA VERDE: CIÊNCIA, ARTE & MAGIA”. [s.d.]. Página Inicial. Disponível em: <https://salaverdeufba.wordpress.com/about/>. Acesso em 23 de jul. de 2022.

<sup>3</sup> <https://salaverdeufba.wordpress.com/about/>

A ideia da ginga intercultural é, portanto, trabalhada aqui, como um diálogo intercultural, sendo promovida através das relações que se estabelecem nos diferentes contextos de formação entre pares, nas interações interculturais, questionando as matrizes da colonialidade, além de subsidiar a construção de práticas, processos educativos que contribuam “...na reelaboração das estruturas e ordenamentos da sociedade que racializam, inferiorizam e desumanizam os povos” (WALSH, 2012)

A análise foi desenvolvida sob a ótica do corpo sendo este adotado como um discurso sócio-histórico (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2001; LOURO, 2000; GOMES, 2002). Todos os dados construídos, foram organizados mediante narrativas e discursos construídos em torno do corpo, considerando que por assimilar significados representados e interpretados diferentemente em cada cultura, o corpo é sempre mediado numa arena de disputas, classificações e hierarquizações (LOURO, 2000).

Portanto, dada a referida proposta, objetivamos a construção de diálogos interculturais entre o saber tradicional de matriz afro-brasileira e a Educação em Ciências considerando os processos educativos que se expressam a partir do corpo que corroborem no apontamento de caminhos para a construção de processos educativos mais equânimes no âmbito da Ciência, de modo a promover para além da inserção, a problematização, a historicização e o resgate de saberes afro-brasileiros factualmente silenciados e subjugados, processualmente neste campo do conhecimento, respondendo à pergunta sobre quais seriam os diálogos interculturais entre o saber tradicional de matriz afro-brasileira e a Educação em Ciências considerando os processos educativos que se expressam a partir do corpo?

As práticas educativas desenvolvidas em SFP pelo SV, bem como as gingas interculturais promovidas nas interações entre o projeto acadêmico e a comunidade, foram analisadas através de duas lentes construídas com base no saber de matriz tradicional afro-brasileiro e nos pressupostos da Ciência, respectivamente representadas pela capoeira (enfocada enquanto manifestação cultural afro-brasileira imbuída de elementos simbólicos e identitários de matrizes africanas diluídos em territórios de ancestralidade africana) e pela literatura científica, conhecimento científico promovidos pelo projeto SV ao longo de sua trajetória de atuação local.

Na Física, lentes são dispositivos, tecnologias que amplificam nosso modo de olhar para que dessa maneira percebamos os objetos e mesmo a realidade ao nosso redor, com maior nitidez. Neste artigo, a construção de lentes que se miram pela voz do conhecimento científico escolarizado dentro da comunidade SFP e dos conhecimentos tradicionais afro-brasileiros arraigados a este território, expressos pela capoeira, configuraram-se numa metáfora, tal como expressa a antropóloga Benedict (2009), ao afirmar que a cultura é como uma lente através da qual pessoas podem ver o mundo.

Tais lentes, balizam as deformações racistas pautadas na colonialidade, que ainda acompanham processos pedagógicos e concomitantemente possibilitam o ajuste no foco, promovendo o descolamento da “epidermização da inferioridade” apontada por Fanon (2008, p.28) advindas do olhar branco para o corpo negro, tal como afirma Bhabha (2007, p.69): “os olhos do homem branco destroçam o corpo negro e nesse ato de violência epistemológica, seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado...”.

A revisão bibliográfica realizada a partir de duas bases de dados e uma biblioteca eletrônica, respectivamente no Google Acadêmico, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Site *Scientific Electronic Library Online*, também legitima a iminência de pesquisas neste viés dada a escassez. O período designado para o levantamento

refere-se ao compreendido entre 2010 e 2023. Os descritores utilizados de modo articulado foram: “interculturalidade, CTS, relações étnico-raciais”, “educação em ciências e interculturalidade” e “ciências e relações-étnico raciais”. No total, foram identificados 35 trabalhos que indicaram uma tendência na produção científica correlata à investigação dos marcos da interculturalidade, entre o campo da Educação em Ciências, das questões étnico-raciais e matrizes de conhecimentos tradicionais.

A agenda de pesquisa em torno de aspectos teóricos práticos para se pensar o diálogo entre a Educação em Ciências e o saber afro-brasileiro durante a docência, mostra-se ainda incipiente, conforme também aponta o panorama delineado por Verrangia (2010; 2014). O autor preconiza a necessidade de investimento de estudos e pesquisas que pautem a interface da Educação em Ciências com a Educação das relações étnico raciais, defendendo assertivamente o ensino de ciências numa perspectiva cidadã como trampolim para a promoção da cidadania e como estratégia de combate ao racismo.

Nesse sentido, buscou-se a criação de diálogos fronteiriços, “entre-lugares” (BHABHA, 2007), que reafirmassem a potência de um projeto de educação que “olhasse por entre culturas”, “desafiando as tradições coloniais” que seguem nos acompanhando, produzindo dessa maneira uma argumentação perturbadora aos discursos hegemônicos que superestimam a ciência, a razão e a cognição de corpos brancos em oposição aos conhecimentos produzidos por corpos negros que se guiam pela cosmovisão africana.

Partindo desta breve introdução, objetivamos indicar gingas interculturais possíveis que se configuram em frestas decoloniais, decorrentes da articulação entre saberes tradicionais afro-brasileiros e o ensino de ciências, numa perspectiva intercultural crítica (WALSH, 2009), sob a ótica do corpo, compartilhando os principais achados da investigação.

## **GINGA, ESQUIVA, ATAQUE: O CORPO À BAILA NA RODA - A CAPOEIRA E O ENSINO DE CIÊNCIAS**

[...]  
Os homens que me civilizaram chegaram às praias do meu país  
Nos porões infectos dos tumbeiros e foram vendidos  
e marcados feito gado no mercado.  
Eu fui civilizado pelo rufar dos tambores misteriosos,  
pelo toque São Bento Grande no berimbau de cabaça,  
pela dança desafiadora do Obá dos Obás,  
pelo bailado da dona do afefé – sagrado vento –  
e pelo xaxará do senhor da varíola,  
a quem reverencio e peço a calma para não estranhar o mundo:  
Atotô!  
[...]  
(SIMAS, 2013)

Os versos iniciais de Luiz Antonio Simas, chamam-nos a atenção para “o maior de todos os escândalos; aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negro-africanos” (NASCIMENTO, 2020, p. 57).

Milhões de homens, mulheres e crianças africanas atravessaram o Atlântico em direção ao Brasil, nos porões fétidos dos navios negreiros em virtude de uma diáspora forjada de forma cruel e violenta que atendia ao tráfico de seres humanos, capitaneada pelos colonizadores portugueses.

Contudo, neste trecho de Simas (2013), é possível concomitantemente observar, que ainda que os povos africanos escravizados tenham tido seus corpos marcados a ferro feito animais, enfrentaram de maneira veemente os efeitos perversos do colonialismo e da colonialidade, munidos de seu legado cultural salvaguardado em seus corpos.

A dinâmica colonialista entendida como a destituição do poderio econômico e político de um povo (CANDAUI, 2010), neste caso especificamente, a subjugação dos povos africanos pelos colonizadores europeus, foi legitimada segundo Quijano (2005), pela ideia de raça e diferenças fenotípicas. Para além disso, estava também condicionada às matrizes da colonialidade que remetem a uma conjuntura simbólica, intersubjetiva e epistemológica (MIGNOLO, 2003; CANDAUI, 2010).

Nestes termos, a interdição dos corpos negros não se dava apenas no plano material, mas estava correlata ao “epistemicídio” das formas de conhecimento produzidos por estes corpos e consequentemente pela negação do status de humanidade dos mesmos.

Segundo Soares (2004), uma notável prática que surge no contexto delineado em solo brasileiro emergindo do caldo de referências africanas, é a capoeira. Em seu amplo estudo a respeito, o autor apresenta a trajetória histórica da capoeira especificamente na cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX, denominando-a como “capoeira escrava”, com o propósito de exprimi-la como uma tradição rebelde com imanente raiz escrava que exercia grande fascínio por sua “maneabilidade e resistência”.

A capoeira tece em sua essência o fortalecimento das identidades negras, corpos negros, assimilando uma simbologia de luta neste cenário opressor para perpetuação de valores, sentidos e tradições, possuindo um caráter libertário no que se refere ao uso do corpo “como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão...” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 152).

Patrimônio cultural e imaterial da humanidade (CASTRO & FONSECA, 2008), com legítima representatividade do saber de matriz-afro brasileiro, a capoeira manifesta-se por um conhecimento tácito e corpóreo. Uma expressão cultural que se dá por meio da corporeidade, perspectiva que extrapola o corpo encarnado, mas configura-se em “atitude”, “vivência”, “compreensível através de sua integração na estrutura social” (MOREIRA, 2012, p. 135).

Esta arte é uma expressão cultural propositiva, que extrapola a prática esportivizada mais comumente conhecida e aceita (SILVA; FERREIRA, 2012). Uma manifestação cujo cerne, convida a pensar sobre processos educativos em afro perspectiva e emancipatórios a fim de coibir visões estereotipadas e foflorizadas, heranças de uma racionalidade eurocêntrica fortemente arraigada à escola (ABIB, 2004).

A exemplo dessa racionalidade eurocentrada, observamos a Ciência, formatada numa política de conhecimento eurocêntrica por meio das instituições de ensino, sendo essa política, projetada no âmbito das ciências biológicas e do ensino de ciências embasado no “silenciamento sobre o ‘racismocientífico’, no entendimento equivocado da teoria da evolução darwinista, bem como na hereditariedade medeliana e construção de ideias sobre raça, miscigenação, etnia, gênero e sexo, eugenia, dentre outras questões (NASCIMENTO, 2020; DUTRA, CASTRO, MONTEIRO, 2019).

Ainda que o conceito e a ideia de raça biológica tenham sido descreditados pela ciência moderna, segundo Guimarães (1999, p. 153), estes se encontram “plenamente existentes no mundo

social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos). Schucman (2014), corrobora com esta assertiva ao destacar:

Nesse sentido, é importante que a categoria de raça que opera no imaginário da população e produz discursos racistas é ainda a ideia de raça produzida pela ciência moderna nos séculos XIX e XX. Serve para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, que têm características fenotípicas comuns, sendo estas tidas como responsáveis pela determinação das características psicológicas, morais, intelectuais, estéticas dos indivíduos dentro destes grupos, situando-se em uma escala de valores desiguais. (SCHUCMAN, 2014, p.81)

Tais teorias ainda reverberam sob a égide da colonialidade atravessando também a matriz curricular, o cotidiano escolar, e o ensino de ciências que não está isento, continua a reproduzir esta racionalidade, refletindo tais lógicas pelas suas lentes.

Dutra, Castro e Monteiro (2021), apontam nesta direção, ao defenderem que a Educação em Ciências apresenta em sua gênese a reprodução das matrizes de colonialidade do saber, ser e poder dentro de uma sociedade permeada por frequentes tensões, onde o ensino de ciências possui várias finalidades, dentre as quais, configurar-se num instrumento de chancela de legitimação de relações de inferiorização de determinados grupos sociais e étnicos.

De acordo com Moreira (2012), a racionalidade moderna também endossou a ideia dicotômica de corpo e mente, influenciada pela lógica cartesiana, eurocêntrica e positivista culminando numa concepção universal de ser humano. Segundo Hall (2006), o indivíduo passou a ser exaltado por sua capacidade cognitiva, de reflexão e raciocínio.

Ao criticar o cientificismo, Capra (1982), já corroborava nessa perspectiva indicando algumas implicações: “... os efeitos dessa divisão entre mente e corpo são sentidos em toda a nossa cultura. Na medida em que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como “pensar” com nossos corpos, e de que modo usá-los como agentes do conhecimento (CAPRA, 1982, p. 29).

As discussões convergem a trechos do depoimento de um dos grandes mestres brasileiros referência na capoeira, Mestre Angola<sup>4</sup>, que ao contribuir para a presente pesquisa, refere-se ao corpo do capoeirista, defendendo que:

Ele não tem uma forma. Eu escrevi um dia, o que chamei de forma deformada, contrariando as ideias cartesianas, que dá forma pra tudo (...) é o corpo e mente formando o todo. Você sabe que essa ideia de corpo e mente separada, é coisa ocidental. O caso do africano e que se confunde com as culturas orientais, o corpo e mente se fundem para formar o todo. (Mestre Angola).

Na contramão do discurso linear da ciência, a capoeira ‘ginga’, contrapondo-a, tendo em vista que o corpo, neste campo do conhecimento é tomado como um conjunto de partes dissociadas, como uma espécie de máquina em alusão a Descartes quando o compara a um relógio que denota ajustes ou reparos (SOBREIRA; NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2016).

Pela lente da capoeira, o corpo é revelado como referência primária do conhecimento, sendo sua gênese, essencialmente corporal. O corpo é revelado como potente elemento constituinte de identidade cultural e configura-se como dimensão da experiência no mundo (NÓBREGA, 2010).

---

<sup>4</sup> Visando preservar a integridade dos participantes e o compromisso ético da pesquisa, os nomes dos mestres depoentes, são fictícios.



Sobreira, Nista-Picolo e Moreira (2016), dialogam com a dimensão de corpo presente na capoeira, ao abordarem a corporeidade, como o corpo em movimento na busca pela vida num tempo histórico e cultural, afirmando sobre a importância de superarmos a dicotomia entre pensamento sensível e conhecimento racional, ao considerar como premissa, que as vivências não acontecem sem o nosso corpo.

O paradigma de ciência apontado, historicamente, esquivou-se “ostensivamente” de outras maneiras de conhecer o mundo que não fossem científicas e regidas pelos seus pressupostos epistemológicos e metodológicos (SANTOS, 2008).

Entretanto, uma alternativa defendida em ‘ataque’, enfrentamento às questões vinculadas ao caráter hegemônico da ciência e de seus desdobramentos no âmbito educacional, refere-se à vertente cidadã em diálogo com a perspectiva Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e alfabetização científica. Tais abordagens têm sido pautadas desde a década de 1970, se opondo ao cientificismo, à supressão e desvalorização de saberes da cultura local visando desconstruir a ideia de uma ciência que se encerra em si mesma (SANTOS, MORTIMER, 2002).

A provocação do trabalho performa este alcance, de maneira a evidenciar os diálogos entre o saber tradicional afro-brasileiro e a Educação em Ciências como indicadores de pontes para a construção de processos educativos pensados e estruturados a partir da decolonialidade e interculturalidade crítica, tal como também indicado no trabalho “Diálogos Interculturais entre Conhecimentos Tradicionais e Conhecimentos Científicos em uma Comunidade Geraizeira: um Olhar Freiriano na Licenciatura em Educação do Campo” (KATO, SANDRON, HOFFMANN, 2021).

Sendo assim, as práticas educativas desenvolvidas em SFP foram focalizadas na interação entre comunidade e universitários, pelas lentes tanto do saber tradicional afro-brasileiro quanto do conhecimento científico, respectivamente representadas pela capoeira e pelo SV, indicam caminhos para a construção de ações pedagógicas mais inclusivas no âmbito da ciência apostando não somente na perspectiva CTS, mas também no resgate dos saberes afro-brasileiro factualmente silenciados e subjugados ao longo da história, com o imperativo de afirmar a riqueza de conhecimentos produzidos pela comunidade SFP, sem deslegitimar o arcabouço teórico-científico produzido pela SV, reiterando a necessidade de desvelar a pretensa universalidade da ciência, historicizando as relações hierárquicas de poder expressas entre as diferentes instâncias do conhecimento.

Para tanto, apresentaremos o lócus de interações em que se estabeleceram as negociações expressas nas gingas interculturais identificadas no decorrer da pesquisa já aludida, bem como a contextualizaremos metodologicamente.

## **A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA NA RODA**

Nesta investigação de natureza qualitativa, os dados foram construídos a partir da abordagem do tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995), sendo a etnografia não somente restrita à Antropologia, ou ainda considerada patrimônio deste campo de estudos, mas também se configurando em abordagem versátil com outras possibilidades de uso incluindo a área educacional (RESTREPO, 2018).

Segundo Restrepo (2018), uma das atividades mais singulares e com definitiva relevância durante a imersão etnográfica, refere-se à experiência direta vivenciada pelo pesquisador no campo e conseqüentemente a construção dos dados na interação com este meio e sua sistematização no decurso

do trabalho. Por essa razão, foram utilizados caderno de campo incluindo questões guias para a realização das entrevistas semiestruturadas.

Como o trabalho se propõe a ser decolonial, construímos duas lentes para análise dos eventos em SFP apoiadas nos referenciais teóricos da literatura científica e na trajetória de trabalho do SV dentro da comunidade, como também amparada em uma tradição genuinamente afro-brasileira, presente em SFP e salvaguardada pelos grandes mestres da capoeira do maior reduto da manifestação no Brasil, que é a cidade de Salvador- Bahia, localizada a 116 km de SFP.

Ao embrenhar-se pela comunidade SFP, território remanescente de quilombos e encontrar homens, mulheres, jovens, crianças e idosos, majoritariamente descendentes dos mais variados povos africanos, observamos potencialidades para a construção de diálogos mais consensuais e que valorizem os saberes locais.

Ora, o reconhecimento e a certificação de um território quilombola acontece mediante “a presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência de opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003), bem como o processo de autodefinição também se fundamenta a partir da presença de elementos que os moradores julgam significativos “como valores, símbolos e tradições, frequentemente codificados em regras e padrões de condutas e rituais.” (OLIVEIRA, 2018), caso que se aplica neste cenário.

É sabido que a questão identitária é condição fundamental no processo de autorreconhecimento, e, portanto, no reconhecimento da comunidade quilombola por parte do Estado. a construção das gíngas interculturais se configuram como importante ferramenta de articulação comunitária para populações quilombolas

A construção da lente da capoeira ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com dois destes mestres: Mestre Angola e Mestre Regional<sup>5</sup>, tanto um quanto o outro, residentes em Salvador e profundos conhecedores da capoeira. Um deles era doutorando em Cultura pela UFBA, com idade estimada em aproximadamente 60 anos o outro, possui em torno de 45 anos. Ambos se autodenominam negros.

As entrevistas tinham como objetivo reunir informações sobre a manifestação cultural capoeira enquanto visão organizadora de mundo: sua simbologia, aspectos identitários, pressupostos em relação ao corpo, memória gestual e corporeidade.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas, teve como diretrizes as temáticas: Capoeira como conhecimento, Capoeira como aprendizado, Capoeira com resistência, Capoeira como marca.

O corpo dentro desta perspectiva, é adotado como discurso sócio-histórico como modo de ser, posicionar-se e se relacionar politicamente no mundo. Ao apreendermos essa dimensão de corpo que não é “dada” e sim construída culturalmente e discursivamente, apropriando-se das “marcas” da cultura (LOURO, 2000), antropológicamente, é possível confirmar o corpo como um discurso, uma construção social condicionada a um contexto histórico, a visões de mundo particulares, extrapolando a anatomia, fisiologia, (GOMES, 2002).

---

<sup>5</sup> Visando preservar a integridade dos participantes e o compromisso ético da pesquisa, os nomes dos mestres depoentes, são fictícios.

Gomes (2002), defende que o corpo negro, só adquire significado quando é pensado a partir do cerne do sistema de classificação racial brasileiro e que por também estar relacionado a uma dimensão estética, pode ser positivado ou não como uma referência ancestral africana.

Logo, a capoeira enquanto conhecimento afro-brasileiro ligada ao corpo, detém indícios de como essa forma de ver o mundo, pode expressar-se por meio do corpo enquanto discurso, o que aqui nomeamos de corpo-discurso.

Nesse viés, identificamos marcas discursivas, a partir do contato com os mestres (guardiões do conhecimento da capoeira), como caminho para construir uma noção de corpo mais articulada à cosmovisão africana. O intuito era nos distanciarmos dos estereótipos próprios do discurso colonial que reiteram o corpo submisso. Este percurso nos permitiu utilizar a metáfora das lentes, em alusão ao artefato que propicia aprimoramento do ato de enxergar em situações de deficiência que deturpam a visão colonial, no caso.

O pressuposto era de que em SFP, por sua trajetória de luta e resistência em território cujo entorno abriga outros sete quilombos, que guardavam em si saberes afro-brasileiros, poderia ser analisada com o auxílio desta caracterização do corpo-discurso através da capoeira expressa na fala dos mestres, (salvaguardas desta cosmovisão) e da ciência escolarizada (nas marcas dos discursos e proposição de atividades do SV).

Vemos aqui o corpo ponderado como um signo e uma expressão ideológica na perspectiva bakhtiniana. Nestes termos, carrega um conjunto de valores, crenças e visões de mundo, produzidos em meio às inter-relações sociais, não sendo possível compreendê-lo apenas como um dado biológico. Ademais é também primordial entender as codificações específicas que o corpo detém dentro de um grupo social, sem generalizar suas diferentes formas de expressão nas diferentes culturas, bem como o contexto histórico, social, etnográfico de inserção do mesmo (GOMES, 2002).

A ginga intercultural materializa-se, portanto nas marcas discursivas produzidas sobre o corpo, ao focar os fenômenos em SFP no decurso das mediações e realização das atividades pedagógicas junto ao SV, tanto pela chave interpretativa da capoeira quanto da ciência.

## **A GINGA INTERCULTURAL: ANÁLISE E RESULTADOS**

As relações estabelecidas no espaço-tempo da comunidade SFP mediante a intervenção pedagógica dos licenciandos da UFBA, utilizando suas metodologias de trabalho, junto aos moradores do território remanescente de quilombos e que vivenciam o impasse de resguardar suas tradições orais e ritos, defendendo a memória de seus ancestrais, será detalhada aqui por meio da ginga intercultural.

No contexto da pesquisa, a ginga intercultural propõe conexões, analogias, apontando dissensos e possíveis consensos diante do contexto extraverbal, um componente determinante para que compreendamos o sentido dos discursos proferidos, em conformidade com os estudos do círculo de Bakhtin:

por mais valor que se dê à parte puramente verbal do enunciado [...] não se avançará um simples passo para o entendimento do sentido total do colóquio se não forem considerados os aspectos extraverbais já que o contexto extraverbal torna as locuções plenas de significado (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976, p. 5)

Nestes termos, Cereja (2012), defende que a atribuição de sentido ao tema, acontece para além das acepções literais indicadas no dicionário, tendo em vista que assume no ato da enunciação, a identidade e o papel dos interlocutores, tanto quanto os domínios por onde transitam os signos.

As gíngas interculturais observadas por intermédio das duas lentes supracitadas: da capoeira e da Educação em Ciências, amparadas na literatura e nas marcas discursivas encontradas nos mestres, serão evidenciadas a partir da perspectiva do corpo-discurso.

Desse modo, ao olhar para o corpo, visualizamos diálogos entre as instâncias do conhecimento analisadas, após focalizarmos o estatuto diferenciado em cada uma delas: os significados atribuídos ao corpo no saber afro-brasileiro expressos pela capoeira e nos processos históricos e culturais delineados na Educação em Ciências.

A lente da capoeira foi construída a partir dos elementos subjacentes ao universo simbólico da capoeira, expressos nas marcas discursivas dos mestres. Estes elementos que integram uma espécie de cosmovisão, de lógica diferenciada de operar, de produzir conhecimento, encontram-se diluídos em territórios remanescentes de quilombo, a saber, a corporeidade, a ancestralidade, a musicalidade, a oralidade.

## **O JOGO, O CONHECIMENTO E O APRENDIZADO ATRAVÉS DA LENTE CAPOEIRA**

No período da imersão etnográfica, o SV desenvolveu uma proposta formativa centrada em jogos que ocorriam num salão amplo, porém com infraestrutura deficitária dada a ausência de banheiros, sem revestimento nos telhados e com pintura desbotada. O local era a Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Francisco do Paraguaçu, localizado na região mais rural, com pouca presença de pavimentação.

Ao investigar o uso dos jogos pelo SV, foi possível constatar que os proponentes se ancoravam nesta estratégia pedagógica, por considera-lo um elemento de ensino com caráter lúdico e integrador que oportuniza o diálogo do conhecimento com ações e práticas e pode auxiliar no desenvolvimento intelectual das crianças por meio dos conceitos científicos (LIRA-DA-SILVA, 2008).

Assim como propõe Kishimoto (1996), o jogo era viabilizado naquela realidade como um meio para a proposição de conteúdos pedagógicos, tomando como empréstimo ações recreativas a fim de que as crianças e jovens se apropriassem dos conhecimentos que denotavam interesse em conhecer.

As atividades aconteciam no chão com lonas, sendo que os universitários organizavam pequenos grupos colocando alguns brinquedos, folhas sulfite e lápis coloridos para serem usados no decurso das atividades. Em cada grupo reuniam-se aproximadamente 4 crianças que eram acompanhadas por 2 universitários.

O desenvolvimento dos jogos, consistia inicialmente em questionar as crianças acerca da preferência de temas e possíveis conteúdos a serem mobilizados durante as proposições lúdicas que estimulavam sobremaneira a competição: os jogos observados exploravam aspectos físicos, desempenho motor, privilegiavam a escrita e o raciocínio lógico dada a mediação realizada pelos universitários que incitavam estes aspectos.

Em uma das abordagens, os mediadores da SV se referiram a algumas crianças como “limitadas”, “por não estarem alfabetizadas”, sugerindo incapacidade de que estas crianças recriassem os jogos, ou dificuldade intelectual de compreenderem as instruções de um jogo de cartas, que havia sido proposto.

As crianças que venciam as competições eram premiadas com brinquedos. As demais recebiam as prendas no término da programação geral da atividade realizada pelo SV.

Huinzinga (1999), aborda o jogo como sendo um dos fatos mais antigos da humanidade e uma marca das grandes atividades arquetípicas nas sociedades. Dentre as categorias de jogo apontadas pelo autor, uma delas seria a da competição relacionada ao grego *agón*, vocábulo associado à luta, ao combate, à disputa.

A partir da obra deste autor, Alborno (2009), afirma que uma parte significativa da cultura grega foi “agonística”, sendo a vida dos gregos e suas práticas dotadas de competição, com a sua cultura modulada em torno de formas de luta. Relacionado ao conceito de *agón*, no português, restou o termo

“agonia”, o que significa dizer que esse tipo de jogo era realizado até chegar as vias da morte (ALBORNOZ, 2009).

Em continuidade, a professora brasileira afirma: “parece evidente que também em nosso tempo e em nossa cultura predominante na sociedade global pós-industrial, o impulso agonístico permanece central e fortíssimo”.

Huizinga (1999), afirma que a competição pode ser considerada como uma marca significativa de toda evolução da escolástica e das universidades, com traços dessa dimensão agonística, observados no plano científico e filosófico.

A lente da ciência evidenciou estes aspectos durante a construção dos dados, demonstrando que as mediações pedagógicas acerca dos conteúdos e articulação dos jogos, chancelavam acertos, premiavam ou supervalorizavam aqueles que atingiam os objetivos dos mesmos no tocante às vitórias, com vazão para uma vertente mais individualista e competitiva.

Tomando como parâmetros o jogo na lente capoeira, é importante tecer considerações respaldadas nas marcas discursivas dos mestres, que evidenciam concepções distintas do jogo em relação ao paradigma que embasa as ações do SV.

O jogo na dimensão de matriz africana expressa na capoeira, consolida-se numa relação de proximidade e horizontalidade tal como afirma mestre Angola ao dizer:

... não sei se você já ouviu dizer que na roda de capoeira o aluno não pode tomar o berimbau da mão do mestre? Não sei se já ouviu também dizer que o aluno não pode fazer uma chamada pro mestre... o aluno não pode isso, não pode aquilo, não pode aquilo outro, tá... E justificam essas imposições, esses determinismos, justificam com a tradição. Desconhecem essas pessoas, que tradicionalmente o mais velho em algumas culturas africanas, se agacha pra falar com a criança... que é pra estabelecer uma relação de identidade ... então estabelecer uma relação de identidade no “conhecimento capoeira” é se utilizar... de elementos que eles nas culturas matriciais e aí e a gente tá falando de culturas africanas ... os comportamentos, eles sejam de inclusão, não de exclusão, é de inclusão, de junção do novo do velho, logicamente atentando para o significado, do ser velho nas culturas africanas, mas o ser velho não, não é característica ... do autoritarismo. Autoridade e autoritarismo são coisas distintas, tá?... e aí nós vamos para as culturas orientais, eu vou dar um exemplo no jogo de xadrez: na roda de capoeira não pode dar rasteira no mestre, você não pode dar uma cabeçada do mestre, você não pode isso, você não pode aquilo, mas especificamente com relação ao jogo, você joga xadrez? Eu costumo perguntar a quem joga xadrez, se tem algum movimento no tabuleiro que ele não pode fazer quando ele está jogando com um mestre de xadrez... ora o jogo, ele não pode ser um jogo em que só o rei, só o rei possa bater ou vencer, o oponente? Isso não existe. (Mestre Angola).

Em suas palavras, é perceptível a existência de uma interação em que o diálogo é a sua base de sustentação, sem que a experiência do jogador seja subestimada ou desconsiderada na condução do jogo. A diferença é assimilada como pressuposto de construção de conhecimento numa relação tecida a partir da reciprocidade.

Não ocorre o estabelecimento de uma relação hierárquica ou coercitiva na roda de capoeira pois há uma dimensão social significativa pautada na coletividade, na horizontalidade de saberes sem que as diferentes experiências sejam sobrepostas na condução do jogo.

Nota-se também a conexão entre ancestralidade na figura do ancião com a juventude, destacando o diálogo corporal no jogo que excede critérios cognitivos, endossando um aprendizado que perpassa constituições históricas desenvolvida entre pares.

Nesse sentido, Abib (2004) afirma que o diálogo corporal na capoeira ocorre em forma de culto à ancestralidade, originando-se desde quando os capoeiristas se agacham ao pé do berimbau, ouvem a bateria de músicos e a ladainha como forma de invocar o passado de luta e sofrimento, resgatar a memória e a tradição de um povo que se manteve na resistência por séculos diante do domínio colonial a fim de celebrar a história de luta.

Outras dimensões relevantes do jogo na capoeira que conferem uma ótica de ressignificação de perspectivas ocidentalizadas e são evidenciadas no discurso de Mestre Angola, referem-se às dimensões éticas e educativas. A interação baseada no respeito mútuo, como aponta o Mestre ao abordar: “tradicionalmente o mais velho, em algumas culturas africanas, se agacha pra falar com a

criança...” é demonstrada na posição de agachamento, quando o ancião curva-se em pé de igualdade com a criança como gesto corporal de humildade assim como o *ojigi*, um outro exemplo de reverência da cultura oriental porém nipônica.

... nas culturas matriciais e aí a gente tá falando de culturas africanas os comportamentos, eles sejam de inclusão, não de exclusão, é de inclusão, de junção do novo do velho, logicamente atentando para o significado, do ser velho nas culturas africanas, mas o ser velho não, não é característica do autoritarismo. Autoridade e autoritarismo são coisas distintas, tá? (Mestre Angola)

A capoeira é defendida como um jogo que se joga junto com o outro e não contra o Outro, assim como aborda Oliveira (2007, p. 182): “A capoeira angola é uma totalidade aberta (alteridade), e tem como estrutura a ancestralidade (sagrado). A ancestralidade não é um conjunto rígido de sanções morais, mas um modo de vida”.

Neste viés, Machado e Araújo (2015) afirmam que ao considerarmos a dimensão educativa da capoeira, é possível pensar sobre os seus ensinamentos quanto as formas de relacionamento intrapessoal e interpessoal, porque o ensino através do jogo da capoeira está profundamente vinculado ao processo de formação humana dos envolvidos, incitando-os a constante autorreflexão e autoavaliação.

As autoras elencam como exemplares de desencadeamento desses processos a relação com seus pares, consigo próprio, com a comunidade ao dizerem que:

O compromisso que aprendemos a ter com nosso (a) camarada de grupo, ou com os (as) mais velhos (as), precisamos aprender a ter conosco, em primeiro lugar. Aprendemos a ampliar nosso olhar sobre as coisas, sobre cada situação, sobre a vida e o mundo. (MACHADO, ARAÚJO, 2015).

Ao retornar ao trecho do depoimento do Mestre, no qual este relata sobre o estabelecimento de uma “relação de identidade” durante a roda, observamos que seu discurso exprime que entre os pares durante o jogo da capoeira, existe uma intencionalidade maior que é a da busca pelo reconhecimento e afirmação dos valores implícitos na manifestação cultural, o que indica que ao jogar capoeira, não se busca como fim uma meta individualista na qual o jogador realiza uma disputa, uma competição para que, ao vencê-la, se torne vencedor.

O sentido central é o da co-responsabilidade dos jogadores, para a perpetuação da preservação desse conhecimento, sendo a ancestralidade uma marca indelével na capoeira, representada na figura do mestre, incumbido de proteger e resguardar as tradições do rito para partilhar com seus sucessores

Ao olhar para as indicações emergentes do saber tradicional afro-brasileiro, fica perceptível que mais do que deter-se à aprendizagem de conceitos das diferentes áreas do conhecimento por meio dos jogos numa via lúdica, é possível enfocar as relações entre moradores, ao considerar os pressupostos demarcados pelos Mestres enfatizando uma interação que se pautou pelo “dueto e não duelo”.

Mestre Angola também se refere à dimensão política no jogo da capoeira, ao afirmar no trecho a seguir que:

Essa pergunta que você fez: como é que se aprende capoeira? Prática. É bom que ela não aconteça só em momentos festivos; Risos... é bom que ela passe a fazer parte do processo de liberdade daquele grupo social que está querendo se afirmar como quilombo. E daí, juntar os conhecimentos, as estratégias de luta né, que é diferente né? Tem dois termos pra luta no inglês que é “*Fight*” e “*Struggle*”, e essa luta não é “*Fight*”, é “*Struggle*”. O “*Fight*” é símbolo e o “*Struggle*” são as ações de resistência contra a opressão. Então enquanto a coisa estiver sendo feita unicamente, unicamente, é ... baseada ou suportada pelo lúdico não é capoeira. Porque o lúdico, ele leva a alegria de quem está assistindo.

SFP remete a esse local, o qual trata o mestre em sua fala. Como descrito, é um território que se encontra em processo de consolidação identitária afro-brasileira. A luta expressa por ele na capoeira, não ocorre no sentido da concorrência, da rivalidade ou da rixa, como sugere o termo em inglês, expresso: “*Fight*” ou o espírito dos jogos articulados pelo SV durante o projeto e nem tampouco valer-se somente do princípio recreativo.

A dimensão política possui um caráter de enfrentamento, de esforço, de superação dos desafios, expressas no outro termo inglês “*Struggle*”, e os jogos concebidos por esta ótica, podem reafirmar e valorizar a história local dos moradores desta comunidade, contribuindo para o processo de autorreconhecimento quilombola, positivo, condução que excede a ludicidade e a diversão ou a assimilação de conceitos acadêmicos.

A visão dos universitários expressa em seus discursos vinculada à “limitação” ou possível déficit no que concerne à alfabetização científica dos jovens e crianças negros e negras, pode carecer de “escurecimento”, nesse sentido: nesta ginga observa-se que a natureza do jogo dentro deste contexto, pode não focalizar uma perspectiva individualista, mas uma outra lógica de pensar o mesmo, de modo a resistir a visões etnocêntricas.

Mbembe (2014), chama-nos a atenção ao dizer, alinhando-se e retomando Fanon:

Frantz Fanon tem, no entanto, razão, ao sugerir que o Negro era uma figura ou ainda um «objeto» inventado pelo Branco e «fixado», como tal, pelo seu olhar, pelos seus gestos e atitudes, tendo sido tecido enquanto tal «através de mil pormenores, anedotas, relatos». Deveríamos acrescentar que, por sua vez, o Branco é, a vários respeitos, uma fantasia da imaginação europeia que o Ocidente se esforçou por naturalizar e universalizar. (apud MBEMBE, 2014, p. 84).

Essa percepção é fundamental como forma de empreender uma leitura racializada, num território negro, evocando a nitidez possibilitada pelas lentes de análise que oportunizam a estratégia epistêmica da ginga intercultural, que permite não se fixar onde o foco do racismo está, e que por princípio de raça, subtendendo-se de modo espectral de diferença humana, fica passível de mobilizar para fins de estigmatização, a exclusão e segregação do que é lido como negro, tal como também defende Mbembe (2018).

A ginga intercultural construída, desvela-se dissidente na medida em que os jogos na comunidade miram-se pela lente da ciência, contemplando uma esfera, mais do confronto e da disputa. Embora valha-se dos desejos e interesses dos moradores, a mediação destes processos poderia utilizar e enfatizar as dimensões do jogo no saber afro-brasileiro, nos aspectos sociais, éticos, educativos e políticos, visando a contribuição para um ensino que transite pelo diálogo e decolonialidade dos processos educativos, tanto na Educação em Ciências como nas ações pedagógicas correlatas a qualquer outro campo do saber.

## **AS MARCAS DE UM CORPO NEGADO E A RESISTÊNCIA**

A situação de aprendizagem retratada na figura 1 a seguir, foi proposta pelos universitários, licenciandos da SV e previa o enfoque e a análise de aspectos relacionados à anatomia humana mediante a apresentação de um jogo desenvolvido pelos próprios monitores cujo título era: “Conhecendo o corpo humano”:

Figura 1 - Jogo Conhecendo o Corpo Humano



Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

As crianças participantes deste núcleo de atividades, sorteavam uma carta constando informações biológicas correspondentes aos órgãos do corpo, e entregavam ao monitor/monitora para que com base nas informações lidas por eles, as crianças adivinhassem a parte do corpo correspondente, localizando-a posteriormente nas figuras. Importante frisar o fato das informações descritivas utilizarem o gênero discursivo e códigos da linguagem científica.

Nesse sentido, é possível abordar a próxima ginga intercultural de dissenso identificada entre o saber tradicional afro-brasileiro e a Educação em Ciências.

Ao observar a cena, ecoam alguns discursos coloniais que dialogam com o escopo maior de eventos aqui apontados como pano de fundo para análise discursiva, começando pelo título da atividade: “Conhecendo o corpo humano”.

Desse modo questionamos: Quais paradigmas de corpo são apresentados como norma nessa atividade? Como se estabelecem as relações e interações gestuais entre crianças da comunidade e universitários durante a proposta? Que corpo é esse a ser conhecido: uno, fragmentado?

Há na cena três meninas não-brancas e dois adultos brancos (um homem e uma mulher) ao redor de cartazes que representam dois corpos humanos: um menino e uma menina brancos.

Todos encontram-se inseridos numa comunidade com traços rurais, onde a quantidade majoritária de moradores é negra. São crianças que demonstram grande entusiasmo com o convite dos monitores para participarem do projeto SV. E mais do que isso: os monitores desta cena especificamente, são alguns dos mais populares no grupo de crianças e adolescentes: jovens brancos com cabelos lisos.

A identidade de gêneros das figuras utilizadas, é demarcada mediante as cores rosa e azul, referências culturalmente estabelecidas como determinantes para a construção de uma feminilidade e de uma masculinidade, corroborando na manutenção de identidades fixas e binárias. Novamente aqui, observamos o diálogo com os estudos de Hall (2014) ao problematizar e (des)construir perspectivas identitárias, partindo das concepções de “identidade” e “identificação”, contrapondo consensos engendrados na sociedade de que tais processos, se caracterizam tão somente pelo reconhecimento de origem e aspectos comuns compartilhados entre grupos, com fixidez nestes padrões.

Já o marcador raça atina para a brancura, o que converge à identificação dos monitores que também são brancos e nesse contexto, representam a Ciência também embranquecida. Não são critérios aleatórios. No curso da pesquisa, percebemos como se dá a construção no plano do discurso dos corpos



pensados dentro das culturas da Ciência e da matriz tradicional afro-brasileira no caso, e da disposição hierárquica e conflitante entre ambos no plano simbólico.

No país da diversidade cultural e da lenda da democracia racial, é comum o discurso circulante de vivermos imersos numa sociedade brasileira multicultural, sem que haja qualquer tipo de problematização quanto a este termo no sentido de focalizar as assimetrias e tensões implicadas nesta realidade. Fora esta questão, “o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão”, possui o status de referência padrão para as demais identidades; e por não possuir uma identidade marcada e sim suposta e presumida, ela é representada como prerrogativa (LOURO; 2000).

Eram crianças que estão construindo suas identidades sendo estas mediadas na relação com os demais pares que numa escala hierárquica assumem uma identidade normativa: a branca como sinônimo de humano. Ao criticar a ideia de identidades rígidas e unificadas, considerando teóricos como Lacan, Foucault, Butler, Bhabha entre outros, Hall (2014), aprofundou-se no conceito de constituição de identidade forjada no núcleo das relações de poder, a partir da “diferença” e não fora dela, mediante construções discursivas.

Com relação ao enfoque da proposta associada à anatomia e fisiologia do corpo durante o jogo, como dito, percebe-se uma espécie de esquarteramento de suas partes ainda presente no ensino de ciências. De acordo com Trivelato (2005, p. 122), “... há um problema de tamanho para incluir o corpo humano no ensino de biologia.” Esse fato se deve sobretudo “... por sua dimensão, o ser humano cabe no ensino, apenas aos pedaços”.

Nas Ciências Naturais, relaciona-se o conhecimento do corpo à separação e análise de suas partes anatômicas e sistemas fisiológicos, sendo o corpo tratado de maneira biológica tanto na escola quanto em livros didáticos que apresentam o corpo fora de um contexto social, sem discutir as relações de poder que permeiam o mesmo (MATOS, 2007; VERRANGIA, 2010).

No saber tradicional afro-brasileiro, como já demonstrado, observamos uma concepção diferente de corpo, incongruente aquela enfocada na Educação em Ciências. Essa dualidade euro-ocidental entre o corpo e a alma, uma marca discursiva da ciência e de suas ramificações como observado ao longo da discussão, pode ser problematizada frente a visões mais integradoras, tal qual na matriz africana e afro-brasileira (VERRANGIA, 2010).

Mestre Angola indica que o corpo do capoeirista pode ser tocado, mas a capoeira, o saber tradicional afro-brasileiro, produzido pelo corpo, não. Por ser um corpo que reage, resiste, luta, se comunica, é plural, um corpo que entra na roda e não se fixa ou prende-se em binarismos: branco ou preto, homem ou mulher, homem ou natureza.

O seguinte trecho da entrevista com Mestre Regional, destaca uma visão de totalidade do corpo como referência para o saber afro-brasileiro:

... quando eu falo de capoeira, eu só jogo capoeira quando meu corpo fala comigo, eu vou treinar e jogar na hora certa. Tem dia que eu estou a fim de jogar eu não tô afim de falar com ninguém... Às vezes eu tô chateado, vou pra beira da praia, nado lá longe, relaxando, quando eu estiver legal eu volto, vejo se eu estiver afim, ver que tem um clima legal de roda de capoeira, de jogo, o clima tá legal, eu jogo, toco (...) se no momento, ela me chamar no sangue, dentro de mim eu vou lá e me inspiro e jogo, mas se eu não estiver legal eu vou pra casa, e fico em casa e só vou jogar quando eu estiver legal, estiver bem espiritualmente em todos os aspectos. (Mestre Regional)

O Mestre expressa em seu discurso em menção ao jogo de capoeira, a ideia de corporeidade dizendo que o corpo dialoga com ele, como sendo uma instância autônoma, totalitária, com desejos e vontades tal como reitera Moreira (2012, p. 145): “Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se”. O corpo É.

Ao mesmo tempo, os jovens monitores do SV, explicitaram preocupação em conduzir a ação pedagógica com base na lente da ciência, mediante as premissas CTS. Ainda que os conhecimentos científicos divulgados tenham sido enfocados ludicamente, havia uma organização metodológica e procedimental atrelada a conteúdos conceituais, que firmam um compromisso com os alguns elementos importantes que embasam a Educação em Ciências nesta perspectiva.

Ao tecerem reflexões acerca da multiplicidade de abordagens relativas ao conceito de Alfabetização Científica (AC), Sasseron e Carvalho (2011), expõem o trabalho de Bybee via artigo “Archiving Scientific Literacy” (1995) no qual o autor descreve o que intitula de “dimensões da AC” dividindo-as em algumas extensões. Destacamos dentre elas a AC funcional e AC conceitual/procedimental, e a abrangência de ambas na disseminação dos conhecimentos científicos.

Embora essas dimensões estejam centradas no ensino de conhecimentos científicos em sala de aula, vale o apontamento tendo em vista que tais categorias dialogam com algumas premissas da SV. As crianças tiveram acesso a terminologias e linguagem científica mediadas pela dupla de monitores

Bybee (1995), explica sobre a extensão AC funcional e a sua correlação com o fato de considerar o uso do vocabulário das ciências por cientistas e técnicos, preconizando a relevância de tal uso e emprego correto, pelos estudantes no desenvolvimento das atividades realizadas para que se alfabetizem mediante esta linguagem. O que configuramos e entendemos também como marcas discursivas da Educação em Ciências.

Ao explicar sobre AC conceitual e procedimental, Bybee (1995) orienta quanto a importância de que esses mesmos estudantes compreendam como se consolidam os conceitos e em particular, como se dá a construção do conhecimento sobre o mundo, na lógica da ciência.

Logo, a experiência empírica em SFP, vem apontando gingas interculturais que ora indicam aproximações e ora divergências potencialmente capazes de criar brechas para um entre-lugar (BHABHA, 2007), uma articulação das diferenças que vise a superação de elementos do colonialismo que se mantém e reverberam, ao interditar corpos e inferiorizar outras formas de conhecer que não pertençam à sua racionalidade.

Um ensino de ciências comprometido com práticas decoloniais na busca por uma dimensão cidadã de ciência, desafia modos de atuação permeados por uma mentalidade na qual o simples fato de interagir, estabelecer intercâmbios entre culturas, ignorando o *lócus* social ocupado pelos sujeitos e as relações hierárquicas vividas pelos envolvidos em determinada ação pedagógica, contemplará as vozes oprimidas. Da mesma forma, questiona a estrutura social desigual ao invés de alimentá-la com ações que confinam os aprendizes a um ensino funcional ao sistema (WALSH, 2009).

Um aspecto importante a ser ressaltado, refere-se também a percepções que a pesquisadora obteve no tocante ao seu processo formativo sobretudo no período de imersão, ao interagir com mestre Angola.

Na ocasião de seu encontro com o mestre de capoeira, a pesquisadora em formação atuava enquanto representante da academia, que historicamente encontra-se atravessada ideologicamente pela cultura ocidental e ciência moderna, constituindo-se como *lócus* discursivo hegemônico em detrimento de outros espaços, saberes.

Já Mestre Angola, era o participante da pesquisa que nesta travessia, apresentava-se como representante do saber ancestral de matriz afro-brasileira “capoeira”.

Embora o mestre já houvesse sinalizado desde o convite sobre o seu desejo de contribuir e referenciar a pesquisa, em nosso primeiro encontro, de maneira inusitada, mestre Angola lançou alguns questionamentos interessantes à pesquisadora, a fim de investigar quais eram as reais percepções e interesses desta em relação à capoeira, avaliando suas premissas, valores e concomitantemente, durante este jogo de capoeira discursivo, a levou a uma feira tradicional, localizada na periferia do município de Salvador, conhecida como Feira de São Joaquim.

Ao se deparar com o ambiente a pesquisadora percebeu que ainda que estivesse imbuída na busca por uma *práxis* que caminhasse para uma pedagogia decolonial, antirracista e intercultural (CANDAU, 2008), o seu sistema de representação de valores estava organizado com base num constructo de poder etnocêntrico.

Essa percepção surgiu, quando a pesquisadora ao observar o território, suas fragilidades, odores, identificou que sua lente e maneira pela qual focalizava aquele espaçotempo, estavam atravessados por sentimentos de tolerância e respeito enquanto dimensões éticas conservadoras tendo em vista que na maior parte das vezes, estes, são afetos que aparentam generosidade, mas em suas entranhas demarcam superioridade e essencialismos, pois inúmeras vezes “aceitamos” o Outro porque

temos a ideia de que a diferença deste é fixa, sua cultura é estereotipada e só nos cabe mesmo aceitá-lo. (MANTOAN, 2015).

Dussel (2005), defende que nossa vida está organizada com base num constructo de sistema de poder etnocêntrico, apresentando essa ontologia como um processo emergente de outro conceito denominado por ele como totalidade: sendo o pensamento filosófico ocidental, organizador do mundo e das nossas experiências de ser, numa dimensão assimilacionista da realidade europeia. O contraponto segundo o autor, ocorreria mediante ao que denomina como proximia: a superação de relações hierárquicas buscando uma aproximação na justiça, no encurtamento de distâncias, “agindo para o outro como o outro”, por meio da fraternidade, de uma conexão anacrônica.

Nesse sentido, o vínculo pela experiência demonstrado nesta experiência, tal qual em SFP entre o saber tradicional afro-brasileiro na figura dos moradores e a Educação em Ciências, no papel dos integrantes do SV, sinalizou que embora em alguns momentos a sensação de estranheza emergisse, havia um movimento realizado no sentido de superar o olhar que enfocava apenas as defasagens do entorno, havia nas interações o desejo de partilha e de ressignificação mútua, baseado no princípio da reciprocidade.

Estes momentos configuraram-se em pontes, experiências interculturais, alicerçadas na diferença cultural enquanto elemento agregador para o enriquecimento mútuo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos através das lentes construídas, elementos concretos de que os corpos negros que formam uma “comunidade diaspórica”, “os diaspóricos”, não foram apenas a base da construção do país pela força de seu trabalho” braçal, mas sobretudo pela produção de um repertório vasto de conhecimentos ancestrais que o mantiveram conectados com a sua terra de origem, perpetuando valores e negociando a sua existência, em várias dimensões da vida social, vide a capoeira.

Isto implica pensar que estes corpos não foram apenas sujeitos. Além do país ter sido forjado e alicerçado nas corporeidades negras houve uma produção destes atores políticos que é cultural, simbólica e cujo estatuto é imaterial e intangível com potencial para ressignificar sentidos, construir outras versões críticas da história.

A capoeira como lente do saber tradicional de matriz afro-brasileira, oportuniza-nos este olhar, por fazer-se presente diluidamente nos territórios com ancestralidade negra, e ser identificada a partir de seu universo simbólico com elementos como a corporeidade (oralidade, ancestralidade) e a memória, evocando conhecimentos, aprendizados, e transcendendo a ritualística da roda para enfrentar e resistir frente ao discurso colonial que reverbera e ao longo de todo o processo histórico e insiste em apagar, subalternizar e silenciar essas africanidades, materializadas no corpo enquanto linguagem.

Os recursos hegemônicos do discurso colonial operam atravessando os sujeitos negros e brancos e como exposto em nosso texto, conseqüentemente os processos e práticas educativas no campo da Educação em Ciências, dadas as implicações da área em sua consolidação histórica e a sustentação do racismo estrutural presente na sociedade

Observamos tais apontamentos, frente à interferência e intervenções do SV projeto reconhecido pelo histórico de desenvolvimento de práticas e ações pedagógicas no âmbito CTS, na comunidade SFP remanescente de quilombos.

Mediante as unidades de análise, identificamos a caracterização de algumas gingas interculturais a partir dos processos educativos emergentes do encontro entre o território SFP e o projeto SV.

A proposição de alguns jogos que articulavam aspectos comumente observados no contexto escolar devido ao viés transmissivo e que também transitavam por modelos de práticas reprodutivistas e assimilacionistas resguardando indícios de uma ciência ainda atravessada pelo discurso colonialista, apontaram gingas de recuo e dissenso.

As práticas descritas e manifestadas por processos educativos que possibilitavam a travessia da fronteira intercultural promovendo a criação de um entre-lugar desencadeado pelo reconhecimento da diferença cultural como elemento enriquecedor recíproco, culminaram em gingas consensuais para o

acesso à linguagem científica, à medida que se desloca, transita de uma estratégia pedagógica assentada numa perspectiva filosófica positivista cuja ótica concebe o conhecimento científico como linear e acumulativo, para uma mediação pautada no conhecimento tradicional afro-brasileiro com dimensões e valores cíclicos.

A revelação de olhares inquisitórios, insuflados de colonialidade, negação do Outro, de sua alteridade, são revelados na relação e na presença da diferença, a partir das situações limites, aqui descritas, nos encontros estabelecidos em SFP e em Salvador. É nesta proximidade, que se evidencia a premissa dusseliana, ao mencionar a necessidade de “agir para o outro como o outro”, por meio da fraternidade e de uma conexão anacrônica.

A materialização da ginga, ocorre numa zona de ambivalência e negociação: a diferença é marcada pelo discurso hegemônico que visa dividir, tentando demarcar o que é aceitável, civilizado, crível, postulando-se como “a própria autoridade da cultura como conhecimento da verdade” e na resistência do jogo, do “vai, não vai”, isto escapa, é evidenciado.

Essa alternância demonstrada nas gingas, podem iluminar caminhos possíveis para a superação do discurso colonialista que tem como um de seus pressupostos chave, a degeneração do outro, de sua identidade cultural de modo que este outro, almeje negar a si mesmo em detrimento de um padrão ideal, universal e hegemônico de cultura. Nestes termos, o “colonizado”, precisa assimilar a cultura do colonizador como forma de alcance de uma experiência civilizadora, contudo parcial, sem que este outro, assuma o lugar do colonizador.

Para além disso, as gingas levam a reflexões sobre o ensinar e aprender numa perspectiva cidadã, de modo a desenvolver um caráter político mais amplo que exceda a transmissão de conteúdos escolares, científicos, não bastando apenas a reprodução ingênua de processos pedagógicos já consolidados, mas o questionamento dos discursos e matrizes implícitas nestas dinâmicas.

A lente da capoeira, focalizou os fenômenos apresentando uma maneira singular de olhar e perceber a realidade, evidenciando outra cosmovisão, suas potências e o saber afro-brasileiro como referência e fundamento secular que permanece gingando e resistindo a toda sorte de estratégias de apagamento e marginalização de modo a permitir também o acesso ao conhecimento científico historicamente construído às crianças da comunidade, como forma de superar outra estratégia do colonialismo/racista, que é retirada do povo preto da pauta escolar. Não se trata de negar a ciência escolarizada, mas instituir a ginga intercultural como forma de aprendizagem decolonial.

O trabalho aponta para uma crítica à epistemologia e ontologia da ciência moderna, que ainda reitera a construção de práticas sociais e pedagógicas de discriminação, marcando o negro como a antítese do humano, com um discurso amparado numa perspectiva positivista, ainda arraigado nas matrizes da colonialidade, repressoras de outras formas de ser, produzir conhecimento, considerando-as por vezes primitivas ou irracionais, e culmina em diretrizes para processos educativos decoloniais, pautadas por aspectos subversivos na superação destes aspectos ontológicos do discurso colonial que fixa, invade, destrói o outro.

Da conexão entre o saber afro-brasileiro e a Educação em Ciências, pode emergir uma parceria vigorosa, capaz de criar fissuras que questionem a subjugação e o tom civilizatório que historicamente, atravessam a Ciência, para posteriormente buscar negociações, construir pontes e diálogos capazes, de condução de práticas educativas libertadoras que se oponham a visões hegemônicas do corpo e auxiliem na consumação de processos educativos mais justos e equânimes.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro. R. J. *Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: [https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira\\_angola\\_cultura\\_popular\\_e\\_jogos\\_dos\\_saberes\\_na\\_roda.pdf](https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira_angola_cultura_popular_e_jogos_dos_saberes_na_roda.pdf) Acesso em: 03/01/23.
- ALBORNOZ, Suzana. G. Jogo e trabalho: do homo ludens, de Johann Huizinga, ao ócio criativo, de Domenico De Masi. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 75-92, 2009. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v12i1p75-92. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25767>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BRASIL. *Lei n.10639/03, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 2003.
- BYBEE, Rodger. W. *Achieving Scientific Literacy*. The Science Teacher, 1995.
- CANDAU, Vera. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, n. 37, p. 47, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 20/12/22.
- CANDAU, Vera. M. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*. n.01, p.15-40, 2010. <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>>
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CASTRO, Maria Laura; FONSECA, Maria Cecília. *Patrimônio Imaterial no Brasil – Legislação e Políticas Estaduais*. Brasília: Educarte, 2008.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005, p. 33-49. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf) Acesso em: 10/02/22.
- DUTRA, Débora. S.; Bruno. Monteiro. Decolonialidade e formação de professores: Reflexões a partir de uma proposta de formação docente. In XIII ENPEC ENPEC EM REDES – 2021, Editora Realize, 2021. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV155\\_MD1\\_SA102\\_ID413\\_09082021232500.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enpec/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV155_MD1_SA102_ID413_09082021232500.pdf) Acesso em 10/02/23
- FANON, Frantz. *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 2008.

GOMES, Nilma L. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001249681> Acesso em: 23/12/22.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223-224, 1984. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf) Acesso em: 15/02/23.

GUIMARÃES, Antonio. S. A. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, [1996] 2014, pp. 103-133. Disponível em: <http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA - Identidade e Diferen%C3%A7a.pdf> Acesso em: 12/02/23.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KATO, Danilo. S.; Sandron, D. C.; Hoffmann, M. B. Diálogos Interculturais entre Conhecimentos Tradicionais e Conhecimentos Científicos em uma Comunidade Geraizeira: um Olhar Freiriano na Licenciatura em Educação do Campo. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências*. n. 21, p. 1-27, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko M. Froebel e a concepção de jogo infantil. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 145-167, 1996.

Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551996000100006&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551996000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 fev. 2023.

LIRA DA SILVA, Rejâne. M. *Ciência Lúdica: Brincando e Aprendendo com jogos sobre Ciências*. Salvador: Editora Universitária da UFBA, 2008.

LOURO, Guacira. L. Corpo, Escola e Identidade. *Educação & Realidade*, n. 2, p. 59-76, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833/29119> Acesso em 11/11/22.

MACHADO, Sara. A.; ARAÚJO, J. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. *Horizontes*, n. 2, 2015. <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.256>

MACHADO, Sara. A.; ARAÚJO, J. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. *Horizontes*, [S. l.], v. 33, n. 2, 2015. DOI: 10.24933/horizontes.v33i2.256. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/256>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MANTOAN, Maria Teresa. E. *Inclusão escolar: o que é? por que? como fazer?* São Paulo: Summus Editorial, 2015.

MATOS, Seris. O. *A construção de representações sobre corpo na sociedade e o papel da escola na desconstrução dos padrões impostos*. Dissertação. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: Antígona, 2018.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais – projetos globais: colonialidade, saberes subalternizados e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOREIRA, Wagner. W.; Formação profissional na área da educação física: O fenômeno corporeidade como eixo balizador in PACHECO NETO, M.; *Educação Física, Corporeidade e Saúde*, Dourados: UFGD, 2012. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/educacao-fisica-corporeidade-e-saude-manuel-pacheco-neto-org.pdf> Acesso em: 26/01/23.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. 2023, Rio de Janeiro, Anais. Rio de Janeiro, 2003.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>> Acesso em 13/01/23.

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma. L. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Perspectiva, 2020.

NÓBREGA, Terezinha. P. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo. D. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Osvaldo. M. Memórias e culturas afro-brasileiras na educação escolar: análise a partir da trajetória de uma professora quilombola. *Revista Educação Pública*, n. 65/2, p. 573-590, 2018. <https://doi.org/10.29286/rep.v27i65/2.6884>

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais perspectivas latino-americanas. Colección Sur-Sur*. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf) Acesso em: 26/01/23.

RESTREPO, Eduardo. *Etnografía: alcances, técnicas y éticas*. Bogotá: Envió Editores, 2018.

SALA Verde da UFBA - “Ciência, Arte & Magia”.

Disponível em: <https://salaverdeufba.wordpress.com/about/> Acesso em 02/02/23.

SANTOS, Boaventura. S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Wildson. L. P; MORTIMER, Eduardo. F. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem C-T-S (Ciência – Tecnologia – Sociedade) no contexto da educação brasileira. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, n. 2, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=129518326002> Acesso em: 10/01/23.

SASSERON, Lúcia. H; CARVALHO, Anna. M. P. Alfabetização Científica: Uma revisão Bibliográfica. *Investigações em Ensino de Ciências*, n.1, p. 59-77, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/844768/mod\\_resource/content/1/SASSERON\\_CARVALHO\\_AC\\_uma\\_revis%C3%A3o\\_bibliogr%C3%A1fica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/844768/mod_resource/content/1/SASSERON_CARVALHO_AC_uma_revis%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica.pdf) Acesso em: 10/01/23.

SCHUCMAN, Lia. V. *Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo. Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora: Annablume, 2014.

SIMAS, Luis. A. *Pedrinhas miudinhas: Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2013.

SILVA, Lucas. C. D; FERREIRA, Alexandre. D. Capoeira Dialogia: o corpo e o jogo de significados. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, n. 3, p. 665-681, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000300010>

SOARES, Carlos. E. L. *A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004.

SOBREIRA, Vিকেle.; NISTA-PICCOLO, V.; MOREIRA, W. W. Do Corpo à corporeidade: uma possibilidade educativa. *Cadernos de Pesquisa*, n. 3, p. 68-77, 2016. <https://doi.org/10.18764/2178-2229.v23n3p68-77>

TRIVELATO, Sílvia. L. F. Que corpo/ ser humano habita nossas escolas? In: Amorim, A. C. et al. (Orgs.). *Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa*. Niterói: Eduff, 2005, p.121- 129. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/17852/mod\\_resource/content/1/Que%20corpo%2Cser%20humano%20habita.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/17852/mod_resource/content/1/Que%20corpo%2Cser%20humano%20habita.pdf) Acesso em: 12/01/23.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, P. B. G. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n. 3, p. 705-718, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000300004>

VERRANGIA, Douglas. Educação Científica e Diversidade Étnico-Racial: O Ensino e a Pesquisa em Foco. *Interações*, p. 02-27, 2014. <https://doi.org/10.25755/int.6368>

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. *Revista de Estudos do Discurso*. N. 34, p. 373, 2017. NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 16, p. 5-18, 2001. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000100002>

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica y educación intercultural. In: SEMINARIO “INTERCULTURALIDADE Y EDUCACIÓN INTERCULTURAL”, 2009, La Paz. Anais. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2009. Disponível em: [https://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacionintercultural\\_150569\\_4\\_4559.pdf](https://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacionintercultural_150569_4_4559.pdf) Acesso em: 13/02/23.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: Perspectivas críticas e políticas. *Visão Global*, n. 1-2, p. 61-74, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412/1511> Acesso em: 21/02/23.



## Contribuição de Autoria e Declaração não existência de conflitos de interesse

Os autores Taryn Sofia Abreu dos Santos e Danilo Seith Kato, declaram ser responsáveis pela elaboração do artigo intitulado “O CORPO COMO INTERFACE DISCURSIVA ENTRE A CAPOEIRA E A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: GINGAS INTERCULTURAIS POSSÍVEIS”. Sendo Taryn Sofia Abreu dos Santos responsável pela investigação, coleta, análise, interpretação dos dados e redação e Danilo Seithi Kato pela supervisão (orientação, revisão e edição) do manuscrito.

Os autores declaram não possuir nenhum conflito de interesse, atual ou potencial, de ordem financeira, pessoal ou institucional.

Uberaba (MG), 12 de março de 2023.



---

Taryn Sofia Abreu dos Santos



---

Danilo Seithi Kato



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A GINGA INTERCULTURAL ENTRE O SABER TRADICIONAL AFRO-BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: O CORPO EM FOCO NA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU/ BA

**Pesquisador:** Danilo Seithi Kato

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 07505519.8.0000.5154

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Triangulo Mineiro

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.186.340

#### **Apresentação do Projeto:**

Segundo os pesquisadores, "O contexto de formação do povo brasileiro nos remete a uma carga cultural constitutivamente marcada por elementos simbólicos e identitários provenientes dos saberes tradicionais africanos. Araújo (2004) refere-se a este legado como presença fundamental na constituição da identidade brasileira, em seu artigo "Negras memórias, O imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão", ao mencionar inúmeras personalidades negras que se destacaram nas artes, na história, na poesia, ou como guerreiros ainda no período escravocrata, evidenciando também aspectos culturais como a alimentação, a dança, a música, a religião que podem ser consideradas expressões fundantes de nossa sociedade.

Estas africanidades expressas no corpo, na linguagem, nos conhecimentos provenientes de povos africanos constituídos por "...uma multiplicidade de etnias, nações, línguas...", (PRANDI, 2000, p. 52), atravessaram o Atlântico em direção ao Brasil, nos navios intitulados negreiros, em decorrência de uma diáspora forjada violentamente que visava atender ao tráfico de seres humanos instituído durante o processo escravagista presente por três séculos no país.

No contexto delineado surge a capoeira já em solo brasileiro, tecendo em sua essência o fortalecimento da identidade negra, assimilando uma simbologia de luta e resistência neste cenário, para a perpetuação de valores, sentidos e tradições, possuindo um caráter libertário no que se refere à diáspora africana, sendo reconhecida como um patrimônio cultural da humanidade

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



Continuação do Parecer: 3.186.340

pela UNESCO em 2014 (CASTRO & FONSECA, 2008), com legítima representatividade do saber de matriz afro-brasileira manifesta por um saber tácito e pela materialidade do corpo.

Um saber cuja natureza é de matriz tradicional, popular, sendo recorrentemente desconsiderado pela escola, assim como evidencia Abib (2004, p. 156):

A cultura popular, historicamente, nunca foi tida enquanto um conhecimento legítimo no âmbito dos currículos da educação formal. A forma “folclorizada” como ainda hoje são retratadas as manifestações da nossa cultura popular, nos programas educacionais da maior parte das escolas, sejam elas particulares ou públicas, é um exemplo claro sobre os preconceitos que persistem nesse âmbito, herança de uma racionalidade eurocêntrica, que influencia ainda, a maioria dos programas formais de educação [...]

A capoeira se constitui harmonicamente no coletivo, na roda como um artefato cultural que imprime ritmo, musicalidade, ancestralidade, ginga, resistência, humanidade e corporeidade. Ora apresenta-se como uma dança, ora como jogo. Se materializa ritualisticamente na roda, ao pé do berimbau em reverência à ancestralidade (ABIB, 2004), àqueles que vieram antes, de muito longe que (re)existiram e permitiram que uma nova reconfiguração ao hoje neste mundo para tecer um novo formato ao passado “(...) reconfigurando -o como um “entre-lugar” que inova e irrompe a ação do presente (...)” (BHABHA, 2007). O que significa criar uma perturbação no “agora”, nos discursos hegemônicos embasados nesta racionalidade que é eurocêntrica; gerando uma aporia que recria a história e evidencia os conhecimentos do corpo e das matrizes tradicionais, no cruzamento do tempo e do espaço. Uma manifestação tradicional impregnada de significados e saberes que emergem do corpo. Surge como um contingente histórico, criando brechas, fissuras no campo enunciativo, para contrapor a linearidade do campo epistemológico e o etnocentrismo, atuando no mundo e mantendo em movimento a história do negro, o seu patrimônio cultural, a sua voz.

Imersa nesta efervescência cultural mediante uma manifestação que se dá por meio do corpo, a capoeira revela-se potente elemento constituinte de identidade cultural, se apresentando fundamentalmente a partir de uma movimentação conhecida como ginga. Fonseca (2017), após ouvir e analisar o depoimento de alguns mestres de capoeira sobre tal gesto, apontou ser esta: “(...) uma movimentação constante usada com o objetivo de enganar o oponente, driblar(...)” usada inicialmente para disfarçar a luta em dança”, mas também como “(...) negociação, é diplomacia, evita o conflito direto (...)”. Uma prática passível de ser debatida e considerada no âmbito

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



Continuação do Parecer: 3.186.340

educacional a fim de romper com paradigmas racionais e passivos do ensino, sobretudo coibindo práticas estereotipadas e racistas.

Nesse sentido, converge a lei 10639/03 que prevê e torna obrigatório o trabalho com o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica (educação infantil ao ensino médio), em consonância com o Parecer CNE/CP 3/04 (BRASIL, 2004), que estabeleceu as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” e constitui um avanço na legislação e na democracia, sendo fruto da mobilização do movimento negro a fim de confrontar o currículo das escolas em relação ao silenciamento da cultura afro-brasileira.

Sua obrigatoriedade e abrangência foram demarcadas para a interface em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira, contudo entende-se que a Ciência, processualmente ao longo da história, contribuiu significativamente para o fortalecimento de uma hegemonia cultural branca, tendo em vista que seu arcabouço teórico provém de modo representativo, de poucos segmentos da sociedade mundial, sendo fruto também de reflexões de pensadores que em suas análises referentes ao componente raça, evidenciavam etnias não-europeias como selvagens e primitivas.

Corroborando ainda nesta perspectiva, a concepção de Ciência segundo Kreutz (1999) evidencia a marginalização e opressão das culturas dos povos indígenas e africanos, deslegitimando suas tradições e renegando suas identidades em detrimento da cultura eurocêntrica, destacando que:

“ (...) passou-se a legitimar a superioridade da cultura europeia a partir de uma pretensa fundamentação científica, de caráter biológico, estabelecendo-se arbitrária relação entre características biológicas e aptidões culturais “ (p. 86).

Entretanto há iniciativas que visam à mudança destes pressupostos. O paradigma atual do ensino de Ciências tem como foco a busca por uma “formação para a cidadania” conforme aponta Santos (2006). Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Ciências Naturais no Ensino Fundamental, abordam este pressuposto como:

[...] participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998, p. 7).

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



Continuação do Parecer: 3.186.340

Um outro aspecto importante é a crítica à Ciência, no que tange a primazia da cognição em detrimento do corpo nas reflexões de Rouanet (2003) em menção à La Mettrie, e podemos associar comumente à Foucault (1987), em alusão à disciplina e aprisionamento do corpo e a sua consequente “docialização”:

O Homem – máquina de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 1987, p. 118).

As informações demarcadas subsidiam a pesquisa que realizar-se-á na região metropolitana de Salvador (Bahia) no “Forte da Capoeira” e no território do Recôncavo Baiano localizado em torno da Baía de Todos os Santos, mais especificamente nas adjacências do município de Cachoeira.

Este lócus foi definido em razão da presença de inúmeros mestres de capoeira nesta região, nas palavras de Abib (2006, p.89), “todos eles herdeiros do legendário mestre Pastinha, a maior referência da capoeira angola da Bahia”.

A existência de uma comunidade conhecida como São Francisco do Paraguaçu é também uma das motivações para a escolha deste território que na atualidade vive um dilema quanto a embates entre seus moradores, em torno da ideia de assumirem a identidade de quilombolas ou não quilombolas.

O artigo 68 da Constituição Federal de 1988 lhes outorga o direito de auto definirem sua comunidade como quilombola, uma vez que o espaço geográfico ocupado por estes habitantes, no início do século XIX, ainda no período da escravidão, foi povoado por inúmeros quilombos: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Contudo os significados que remetem à historicidade do termo “quilombo”, bem como as características que configuram este espaço como tal, não foram totalmente apropriados por parte dos moradores desta comunidade. Segundo Oliveira (2018), ao longo da história prevaleceu a concepção de “quilombo” proveniente do império português, como um local de congregação de

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



Continuação do Parecer: 3.186.340

negros escravizados fugidos, e após muitas discussões dos movimentos sociais e organizações de movimentos negros, houve um processo da ressignificação e retomada de um novo sentido, de modo a considerá-lo como espaço de resistência e luta política. Arruti (2002), também atesta que este grupo descendente de quilombos, partilhariam de uma mesma referência histórica e práticas de resistência em comum.

Uma última peculiaridade interessante da escolha deste espaço é o fato desta comunidade receber regularmente a visita de um grupo de licenciandos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que são cursistas e monitores de um projeto de extensão da universidade, intitulado "Sala Verde". A proposta é coordenada pela Profa. Dra. Rejâne Lira e tem como objetivo desenvolver atividades que visam democratizar o acesso à informação ambiental, funcionando como um espaço democrático de atuação social, cultural, política e ambiental a partir de uma variedade de tecnologias educacionais como a educomunicação junto a crianças e jovens. A "Sala Verde", é uma ação itinerante que busca popularizar o acesso ao conhecimento sobre o meio ambiente, com forte papel educativo.

Ao contemplar as questões pontuadas, percebemos potencialidades para buscarmos uma possível "ginga", uma negociação das diferenças apresentadas entre a cosmovisão que perpassa o saber tradicional afro-brasileiro, apoiado neste trabalho na corporeidade expressa na capoeira, com a racionalidade que fundamenta a Educação em Ciências. Este movimento será realizado tendo em vista a investigação de como se dão os processos educativos a partir do corpo, na relação desenvolvida entre as crianças e jovens participantes das atividades com os licenciandos da graduação em Ciências Biológicas da UFBA, durante as atividades da "Sala Verde".

Considerando os desafios mencionados e que sustentam a manutenção de um ensino de Ciências promotor de relações sociais desiguais e injustas contribuindo com a prevalência de ambientes monoculturais e com o não reconhecimento da diferença cultural como elemento agregador, pergunta-se: quais são os diálogos interculturais entre o saber tradicional de matriz africana a partir da capoeira e da Educação em Ciências, tendo em vista a análise dos processos educativos que emergem a partir do corpo?

Estes diálogos podem oportunizar a construção de um espaço de enriquecimento recíproco entres estas diferentes culturas, dispostas atualmente numa hierarquização ainda evidente?"

### **Objetivo da Pesquisa:**

Consta:

"GERAL

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO



Continuação do Parecer: 3.186.340

Investigar quais os diálogos interculturais entre o saber de matriz afro-brasileira e a educação em ciências sob a enfoque do corpo nos processos educativos que emergem na comunidade São Francisco do Paraguaçu, Bahia, durante as interações que ocorrem entre as crianças, jovens e licenciandos em Ciências Biológicas da UFBA, no decurso do projeto "Sala Verde".

#### ESPECÍFICOS

1. Caracterizar os elementos constitutivos da capoeira: os saberes que perpassam essa manifestação cultural;
2. Identificar aspectos que remetem aos saberes identitários da capoeira e aos conhecimentos da Educação em Ciências, nos corpos, durante as interações entre as crianças, jovens e licenciandos de Ciências Biológicas da UFBA, no processo das atividades da "Sala Verde";
3. Analisar as interfaces entre os saberes tradicionais e a Educação em Ciências no artefato cultural "capoeira".

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com os pesquisadores, "Os riscos desta pesquisa referem-se à exposição dos discursos dos participantes da pesquisa, entretanto a fim de minimizar tais riscos será realizado o seguinte encaminhamento: utilização de pseudônimos ao referir-se aos depoimentos dos participantes, em conformidade com o protocolo de pesquisa. Esta estratégia corrobora também no sentido de evitar desconfortos e incômodos que venham a ser ocasionados mediante as anotações no caderno de campo, tendo em vista que o sujeito tem ciência que as informações levantadas serão analisadas posteriormente".

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de relevância temática.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos foram apresentados adequadamente.

#### **Recomendações:**

não há.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e Norma Operacional 001/2013, o colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória a apresentação do

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**CEP:** 38.025-260

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



**UFTM - UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TRIÂNGULO  
MINEIRO**



Continuação do Parecer: 3.186.340

relatório final, quando do término do estudo.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado em reunião de Colegiado do CEP-UFTM em 08/03/2019.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo                                       | Postagem               | Autor              | Situação |
|---|---|------------------------|--------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1292302.pdf | 02/03/2019<br>10:20:32 |                    | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termodeconsentimentolivre.docx                | 02/03/2019<br>10:19:54 | Danilo Seithi Kato | Aceito   |
| Outros  | roteiroentrevista.docx                        | 02/03/2019<br>10:19:34 | Danilo Seithi Kato | Aceito   |
| Outros  | autorizacao_salaverde.docx                    | 02/03/2019<br>10:18:16 | Danilo Seithi Kato | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | brochura.docx                                 | 08/02/2019<br>11:11:39 | Danilo Seithi Kato | Aceito   |
| Folha de Rosto  | folhaderosto.pdf                              | 08/02/2019<br>11:05:59 | Danilo Seithi Kato | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

UBERABA, 08 de Março de 2019

**Assinado por:**

**Daniel Fernando Bovolenta Ovigli  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Conde Prados, 191

**Bairro:** Nossa Sra. Abadia

**CEP:** 38.025-260

**UF:** MG

**Município:** UBERABA

**Telefone:** (34)3700-6803

**E-mail:** cep@uftm.edu.br



## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.